

CARTAS ENTRE PROFESSORAS-PESQUISADORAS: POR UMA EDUCAÇÃO-PESQUISA-ESCRITA (QUE) COM(N) VIDA

LETTERS BETWEEN TEACHERS-RESEARCHERS: FOR AN EDUCATION-RESEARCH-WRITING (THAT) WITH LIFE (INVITES)

Michelle Dantas Ferreira.¹

Adrianne Ogêda Guedes.²

Edilane Oliveira da Silva.³

RESUMO

As cartas que compõem a escrita desse artigo foram tecidas a partir de conversas no *WhatsApp* – por meio de mensagens de áudio e texto –, entre 2020 e 2021, período em que o mundo foi acometido pela pandemia de Covid-19 e em que se deu a construção e defesa das dissertações do mestrado em educação, realizado em uma universidade pública federal do Rio de Janeiro, de duas das autoras, sob orientação da terceira. Essas conversas, aqui entendidas como metodologia, juntamente com a escrita epistolar, foram retomadas pelas autoras e transformaram-se em cartas que contam seus percursos de pesquisa, a descoberta de outros modos de fazer e comunicar seus achados, os sentidos de pesquisar no/com/o cotidiano das instituições de Educação Básica em que atuam, construindo processos de formação docente que primam pela inteireza dos/as sujeitos/as, pela horizontalidade dos saberes e sentires e pelo fortalecimento de vínculos, criando, a partir de uma educação estética, coletivos, comunidades de aprendizagens. Trata-se de compreender uma episteme que inclui a experiência, a vida, os percursos estético-sensíveis vividos pelos/as sujeitos/as.

Palavras-chaves: Educação Estética, Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica, Cartas.

ABSTRACT

The letters that make up this article were woven from conversations on WhatsApp – through audio and text messages – between 2020 and 2021, a period in which the world was affected by the Covid-19 pandemic and when the construction and defense of the master's dissertations in education took place at a public federal university in Rio de Janeiro, by two of the authors, under the guidance of the third. These conversations, understood here as

¹ Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. e-mail: michaduda@yahoo.com.br.

² Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Especialização em Alfabetização pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Especialização em Educação Infantil Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO. Graduação em Pedagogia pela Universidade Cândido Mendes – UCAM. Graduação em Psicologia pela UFRJ. e-mail: adrianne.ogeda@gmail.com.

³ Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Especialização em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. e-mail: oliveiraedilane62@gmail.com.

methodology, together with epistolary writing, were revisited by the authors and transformed into letters that narrate their research journeys, the discovery of alternative ways of conducting and communicating their findings, the meanings of researching in the daily lives of the Basic Education institutions where they work, and the development of the teacher training processes that prioritize the integrity of subjects, the horizontality of knowledge and emotions, and the strengthening of bonds, creating, through aesthetic education, collectives, learning communities. This work seeks to understand an episteme that encompasses experience, life, and the aesthetic-sensitive journeys lived by the subjects.

Keywords: Aesthetic Education, Narrative (Auto)Biographical Research, Letters

PESQUISAR: POR UMA ESCRITA (QUE) COM(N)VIDA

Queridas/os leitoras/es,

Esperamos encontrar todas, todos e todes bem, assim como suas redes de afeto. Essa carta é endereçada a vocês que nos leem e tem o intuito de contar um pouco sobre quem somos e sobre nossas intenções narrativas. Escolhemos escrever o texto desde o início dessa forma, porque nos interessa estreitar a relação entre forma e conteúdo, experimentando modos mais dialógicos de publicizar nossas investigações, mais afetos aos sentidos que temos produzido ao compreender a pesquisa em seu estreito vínculo com a vida (Godoy Lenz; Ramallo; Ribeiro, 2023). Apostamos no gênero epistolar por seu caráter afetivo, nos aproximando uma da outra e de vocês, que nos leem. Além disso, reafirmamos, que esse é um modo de dizer que acreditamos ser mais coerente com as nossas pesquisas, que se pretendem minúsculas, narrativas e autobiográficas, uma vez que, “[...] dentro de uma cultura falocêntrica, [a carta] foi vista como uma espécie de literatura menor (no sentido proposto por Deleuze e Guattari), [escrita] sobretudo por mulheres” (Rezende, 2019, p. 04).

Somos três professoras da rede pública. Duas na rede municipal do Rio de Janeiro (RJ) – uma atuando em uma Creche da Zona Sul da cidade e a outra, em um Centro Integrado de

Educação Pública (CIEP), localizado na Zona Norte⁴ – e uma como professora universitária federal do Estado do Rio de Janeiro.

Nossas vidas se encontraram em 2013, em um curso de extensão promovido por uma universidade federal do Rio de Janeiro em convênio com o Ministério da Educação (MEC) e a rede Municipal do RJ. Duas eram cursistas e uma era coordenadora desse curso, que foi voltado às/aos profissionais da Educação Infantil das redes públicas – municipal e estadual – da cidade e tinha como diferencial a sua metodologia teórica-vivencial (Schaefer; Guedes; Tiriba, 2017). Primava por um modo de construir conhecimento em que a teoria nos chegava por meio das vivências propostas, dialogando com a arte, com a natureza e com o corpo – pilares do curso. Essa foi uma formação tão potente que gestou e pariu o grupo de pesquisa Formação e Ressignificação do Educador, Saberes, Trocas, Arte e Sentidos (FRESTATAS), que foi sendo concebido e vem sendo (trans)formado a partir de concepções democráticas, coletivas, experienciais e afetivas.

Estamos juntas, desde então, fortalecendo vínculos, pesquisando a formação docente, tendo a arte e a educação estética como pilares.

Em 2019, entramos todas no Mestrado em Educação de uma universidade federal do Rio de Janeiro – duas como orientandas e a outra como orientadora – e nossos laços se estreitaram ainda mais. Compartilhamos as dores e as delícias (Veloso, 1982) de mergulharmos nesse processo formativo e de escrevermos (Evaristo, 2020) nossas dissertações em meio à pandemia da Covid-19. Esse percurso, que pode ser tão doloroso e solitário, foi sendo (compar)trilhado na presença, nas conversas no *WhatsApp*, que entravam madrugadas adentro e eram recheadas de lágrimas, risos, descobertas, frustrações, trocas constantes, apoio mútuo e a reafirmação de uma escrita colaborativa, encharcada de sentires e sentidos. As cartas aqui reunidas trazem algumas conversas que foram sendo tecidas, diariamente, em áudios e mensagens de texto, no *WhatsApp*. Elas foram escritas a partir do resgate destas mensagens, em alguns momentos como transcrições, em outros, reinterpretadas e ressignificadas, já que

⁴ A pesquisa acontece no CIEP citado, local em que uma das autoras atuou por 22 anos. No entanto, no início do ano corrente ela mudou de Unidade, passando agora a estar à frente de um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) localizado na Zona Oeste da cidade.

vivemos as “[...] histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 18) de modo a dialogarem sobre os percursos dessas pesquisas, sobre a potência de uma escrita colaborativa, de uma maneira de fazer e comunicar que convida, convoca, evoca, desloca escutas, olhares, sabores, saberes, narrativas, interlocutores.

Diante disso, elas aparecem estruturadas de modo que, na primeira parte contam do nosso processo de pesquisa, de como se deu nosso caminhar enquanto professoras-pesquisadoras, pesquisadoras-professoras; do tipo de pesquisa que fizemos – na dissertação – e seguimos fazendo no grupo de pesquisa e no cotidiano das instituições onde trabalhamos, transbordando os sentidos e sentindo os transbordamentos na pele, nos poros, nos pelos.

Na segunda parte, trazemos nossas cartas-manifesto compartilhadas na defesa das dissertações, que comunicam não só o processo, mas também os sentidos de se fazer pesquisa em educação a partir de dentro (Imbernón, 2010) das instituições educacionais, olhando para nossos cotidianos, nossas docências, nossos processos formativos (Macedo, 2020). Na terceira, contamos mais detalhadamente sobre as metodologias com as quais dialogamos no processo de entender, viver e fazer as pesquisas. Na quarta seção, compartilhamos com as/os leitoras/leitores alguns dos achadouros (Barros, 2018) da pesquisa, ratificando a necessidade e a urgência de uma pesquisa decolonial, insurgente e insubmissa, que subverta as ordens e transgrida o hegemonicamente estabelecido.

Por fim, mas sem a pretensão de encerrar o assunto, na quinta e última parte, fazemos um apanhado das ideias que foram se entretecendo em nossas pesquisas-vida (Godoy Lenz; Ramallo; Ribeiro, 2023), apontando pistas, a partir dos caminhos que percorremos, que nos possibilitam construir epistemologias outras, por modos outros de fazer, viver e comunicar uma pesquisa que é orgânica, possui fluxos, nuances, acolhe o inesperado, se encanta com o minúsculo (Guedes; Ribeiro, 2019).

Esperamos que essas cartas afetem vocês, assim como nos mobilizaram e seguem convocando cotidianamente, nos esperando (Freire, 2020a) em tempos sombrios, em que a democracia – se é que podemos chamar o que tínhamos de democracia – está em constante ataque e ameaça e o fascismo espreita e finca suas bases. Que elas provoquem movências,

deslocamentos, reflexões e, principalmente, ações, em prol de uma educação que tenha o amor (hooks, 2021), a alegria (Tiriba, 2018), os sonhos (Freire, 2020b), a beleza (Hillman, 1993; Duarte Jr., 2000; Vecchi, 2017) e a liberdade (Freire, 2020c) como princípios de sustentação.

Com carinho,

As autoras.

1. ESCRITA ENCARNADA: GESTAÇÃO E NASCIMENTO DE UMA PESQUISA (COM)PARTILHADA

Rio de Janeiro, 05 de julho de 2020.

Oi, minha querida amiga! Como estás? E o Jorge, a Duda e a Helena?

Minha amiga, estou com tanta saudade de sua presença física, de te abraçar e nos sentarmos para conversar, trocarmos ideias, mas, infelizmente nesse momento, ainda precisamos ficar em casa, para a nossa segurança e a de quem amamos. Confesso que estou assustada, meu corpo reage com insônia e desconcentração nesse momento. Nos últimos dias tenho evitado ver televisão, pois estava entrando num estado de ansiedade surreal. Não vejo a hora dessa pandemia acabar! Nunca pensei passarmos por uma situação tão desafiadora! Mas, acredito que daqui a pouco conseguimos vencer essa situação, graças à ciência que vem se empenhando ferozmente para conseguirmos uma vacina. aguardo ansiosamente por esse momento. Mas hoje, diante desse caos, tenho uma trégua. Está chovendo e a chuva me reconecta com o que mais amo, minha natureza sagrada. Ela me traz boas memórias e reconexão comigo e com minha ancestralidade.

Amiga, enquanto a vacina não acontece, quero te contar um pouco do que estou vivendo por aqui. Estamos bem, graças a Deus, com saúde. Gael está cada vez mais esperto e interessado em tudo ao seu redor. Nesse momento, já está dormindo e estou aproveitando para te escrever.

Como já havia te dito, hoje está uma noite chuvosa e um friozinho de leve. Nesse exato momento escuto o atrito dos pingos de chuva nos telhados e seu esparramar no chão. Esse atrito produz um som que me faz muito bem, me reconecta com minha infância. Como já havia falado em outros momentos, a chuva me dá uma sensação de tranquilidade e, consequentemente, são meus dias mais criativos e inspiradores. Tenho uma memória corporal que me conecta com meus anos de infância, tomando banho de chuva. Chego a sentir, neste momento, o cheiro da terra e a sensação da água, percorrendo todo o meu corpo. Que saudade, dessa época, minha amiga! Pois bem, estou aqui nesse momento, mergulhada na escrita do meu percurso de vida e formação, tentando conectar minhas histórias, com as questões da pesquisa. Que histórias escolho para contar? Que imagens do Nordeste quero trazer? Que histórias, que experiências minhas e de minha família posso e quero contar? Estou num processo de me reconectar com a menina que vivia de pé no chão, correndo entre uma plantação e outra, escutando os causos de seu avô, em contato com as questões que me movem hoje, negociando o que desde os inícios foram/são processos-fios que conectam e contribuem para a pesquisa que hoje desejo narrar. Nossa, minha amiga, que complexo! Pois, tenho que fazer algumas escolhas e me colocar para dentro do texto, ou seja, desconstruir/reconstruir o que aprendi – que o texto é impessoal, não podendo ser escrito na primeira pessoa. E agora, me deparo com novas perspectivas de escrever, viver, narrar... será que quero enveredar por outros caminhos? De que forma? Será que contar minhas histórias pode contribuir com a formação de outras/os sujeitas/os? O que em minha trajetória é importante para estar em uma pesquisa? São questões que tenho refletido bastante, pois tenho a sensação de que estou Tateando por veredas pouco conhecidas, mas estou me envolvendo e querendo trilhar por esses caminhos, que me tocam muito forte e me fazem querer abrir frestas. Estou relendo o livro *Pedagogia da Esperança*, de Paulo Freire, indicado pela Adrianne, e já percebo um forte cunho autobiográfico, tanto nesse livro, como em outros. Mas esse, tem me tocado profundamente a esperar, inventar e me arriscar. Escolhi um trecho para dialogar no qual ele fala: “Ninguém deixa seu mundo, adentrando por suas raízes com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossas histórias” (Freire, 2020a, p. 16). Pois bem, minha amiga, estou no processo de descoberta, desconforto, inquietação e uma certa desconfiança das apostas que estou querendo

fazer. Quero trazer meu corpo molhado de histórias para o texto, mas ainda não sei o que colocar e como. Espero poder te contar sobre isso na próxima carta.

Vou finalizar por aqui, agradecendo sua leitura e aguardando seu retorno. Como está o seu processo, já começou a escrever? Como está na escola?

Um abraço bem apertadinho.

Até breve!

Edilane.

.....
Rio de Janeiro, 12 de setembro de 2020.

Amiga, querida,

Quanta saudade! Apesar de nos falarmos por mensagens de texto no *WhatsApp* quase todos os dias, sinto falta da presença, do toque, do olho no olho. Por aqui, tudo ainda está em suspensão. A gente vai tentando aprender a viver uma pandemia, um dia de cada vez, com altos e baixos emocionais e físicos. Tem dias que só consigo ver o caos, o peso das mortes, o descaso, o deboche e o sarcasmo com as vidas daquelas pessoas que não puderem/podem parar de trabalhar, que são engrenagens para que a roda do sistema continue a girar. Tem dias que não dá vontade de levantar. Quero dormir até acordar desse pesadelo. O volume de trabalho está absurdo! Me sinto em um looping infinito, no qual os dias são todos iguais. Vamos tateando no escuro, criando estratégias para tentar chegar nas famílias e nas crianças. Mas, será que está fazendo sentido? São tantas as faltas, que a escola é a menor das preocupações dessas pessoas, que estão tentando se manter vivas, garantir o mínimo de comida na mesa... tenho recebido tantas fotos de armários e geladeiras vazias... como o meu coração dói. Temos arrecadado alimentos e montado cestas básicas para doação, mas isso é tão pouco, tão pequeno diante de tantas necessidades violadas. Tenho doado meu tempo, disponibilizado minha atenção, emprestado meus ouvidos em longas conversas, tentando ajudar em tudo o que posso. Cada dia mais tenho a certeza de que é isso que me mobiliza, que é nessa relação afetiva que uma outra

educação pode ser construída, uma educação a contrapelo (Benjamin, 1996), que não compartimentaliza os saberes, que não está a serviço da produção, que não coloca o lucro e a riqueza acima da humanidade.

Assim está na escola, um sem-fim de aulas remotas, postagens nos grupos com as famílias e nas redes sociais, reuniões com as/os professoras/es, com as Gerências e com a Coordenadoria. Todas/os exaustas/os, com medo e emocionalmente instáveis. As famílias e as crianças, nem se fala. Todas estão expostas. Os caminhões frigoríficos fazem fila no Hospital Ronaldo Gazola, em Acari, que é referência no atendimento aos pacientes com Covid. São tantos relatos de pessoas doentes, de fome, de dificuldades de tantas ordens... me sinto tão impotente, tão pequena, sem saber o que fazer para ajudar.

O grupo de profissionais da escola também me preocupa. Já tínhamos tantas pessoas com questões emocionais, com quadros de ansiedade e depressão. Penso que as formações que planejei propor presencialmente para o grupo, que fazem parte da pesquisa-formação que venho construindo, poderiam ser respiro, ajudar a canalizar e expandir as emoções. Mas, não será cansativo, mais tempo de exposição às telas? Não será uma sobrecarga? Elas não serão encaradas como mais uma demanda? Ainda tenho muitas dúvidas acerca dos caminhos que quero seguir. Estava preparada para acolher o inesperado, mas uma pandemia vai muito além do que poderia imaginar. Uma pesquisa que se constrói em tempos como estes que temos vivido, não pode se furtar a ser denúncia e anúncio (Freire, 2020c). Como, então, caber a pesquisa na vida? E a vida na pesquisa? É possível pesquisa e vida se entrelaçarem? É possível não se entrecruzarem? Como afetar as pessoas em meio à dor? Como realmente ser narrativa – palavra, audiovisual, gestual – que espere? No momento, o corpo fervilha e só o que germina são as dúvidas, a incerteza de quais caminhos trilhar. Compartilhar os caminhos e descaminhos da pesquisa com você vai me movendo, permitindo oxigenar e ressignificar minhas escolhas, concepções e processos. Muito obrigada por ser presença e afeto.

Abraços afetuosos,

Michelle.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 2021.

Nossa, minha amiga...

Ler esses escritos me levam por alguns segundos para aquele momento em que estávamos “no olho do furacão”, onde tudo era tão incerto... se bem que na vida, não temos muitas certezas. E gosto disso, pois a incerteza nos move a caminhar. Estou com lágrimas nos olhos, um nó gigante na garganta, ao relembrar aqueles dias tão difíceis. Nós tentando de todas as formas acessarmos as crianças e famílias pelos meios que nos eram possíveis, mas nem sempre nossas buscas chegavam aonde queríamos, pois, a desigualdade gritou mais, como Boaventura (2020) nos disse, o mundo ficou com as veias abertas. Hoje já temos a vacina, ainda temos um longo processo, mas já não estamos perdendo tantas vidas – só as que ainda teimam em negar a ciência. Viva nossa ciência, minha amiga! É maravilhoso ver nossos idosos se vacinando. Esse ano está mais tranquilo, embora tenhamos desafios mil com esse retorno da escola de forma presencial e com as crianças em grupos alternados. São tantos protocolos! Mas, estamos conseguindo retornar de modo seguro. Nossa, chego a me emocionar ao ver as pessoas de perto, mesmo que ainda de máscara.

Minha amiga, como esse ano temos conversado bem menos, pois a presencialidade no trabalho já nos convoca a outras demandas. Como estou exausta em trabalhar presencial e dar conta das milhões de demandas remotas. Bem, pelo tempo que demorei para te responder, acredito que tenhas encontrado alguns caminhos, alguns desvios, que estão te conduzindo a entrecruzar vida, formação e ser respiro em meio à dor. Estive lendo as propostas que você fez para as/os profissionais, assim como seus retornos. Que potência! Que emocionante ver suas questões, e enquanto gestora poder proporcionar o contato com arte, com a escuta, com as memórias que estavam adormecidas, se transformando em uma pesquisa coletiva viva. Fiquei pensando aqui... como trará as potências de vozes que compõem a pesquisa, sem que seja uma pesquisa que analisa dados friamente, que categoriza, engessa? Falta pouco para comemorarmos com nossos pares esse desafio gigante que só aconteceu quando uma comunidade pedagógica (hooks, 2017) se mobilizou para acontecer. Quando puder, manda

notícias, pois sei que agora está mais difícil para conversarmos. Quero te falar do que tenho pensado em como entregar o texto para banca, assim como a apresentação da pesquisa.

Um beijo grande!

Edilane.

2. DOS RITOS DA PESQUISA: SEMEANDO SONHOS, ESPERANÇANDO TRANSFORMAÇÕES, DEMOCRATIZANDO ACESSOS

Rio de Janeiro, 07 de julho de 2021.

Querida amiga,

Como tem passado esses dias? Como tem sido o seu retorno presencial na escola? Como tem sido na escola com esses protocolos? Por aqui, na Creche, estamos caminhando bem, mas ainda tenho muito medo, já que ainda temos acompanhado bastante casos de contaminação pela covid-19. Ainda estamos com a obrigatoriedade do uso de máscara. Sabe, minha amiga, confesso que ainda estou com dificuldade de ter contato físico mais próximo, como por exemplo abraçar. Nunca imaginei passar por essa situação. Como ficar sem contato físico? Fico preocupada, pois as crianças da Creche ainda não tomaram a vacina, mas estou confiante que logo chegará a vez delas. Diante desse contexto complexo de reconexão comigo e com as outras pessoas – adultas/os e crianças – acrescido à chegada da defesa da dissertação, estou ficando ansiosa, às vezes perdendo o sono, algo que tem feito parte de minha rotina diária nesses últimos anos, como já havia contado. Estou aqui pensando em como apresentar, como defender? É preciso ser de modo formal? PowerPoint? Lembro que em uma de nossas conversas, você me fez refletir, se neste momento caberia apresentá-la por meio de PowerPoint, haja vista que a banca já conhecia o texto, e as possíveis dúvidas e questionamentos já estavam estabelecidas – pela leitura já feita –, embora saibamos que ao falarmos de novo do processo, sempre acrescentamos ou deixamos de lado alguma coisa. Contudo, suas indagações estão me fazendo

pensar em uma forma que seja coerente com as defesas e apostas que tenho feito no texto, de uma pesquisa minúscula, autobiográfica, que conta de experiências coletivas das professoras, que visibilizam processos formativos na Creche, que pretendem aproximar Educação Básica e Universidade, a partir de conhecimentos produzidos dentro da Creche. Como apresentar a pesquisa de modo que ela seja compreensível para todas as pessoas presentes? Como contar para os meus pais? Como acessar as pessoas que não estão dentro das universidades? E nesse pensar, no sentir dessas reverberações, estou muito inclinada a fazer uma carta, pois ela se encontra “na encruzilhada dos caminhos individuais e coletivos” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 25), me proporciona contar de minhas histórias, mas também dos encontros coletivos tecidos ao longo do meu percurso pessoal e profissional. Por isso, resolvi ler sobre o gênero epistolar. Haroche-Bouzinac (2016) diz que quando escrevemos uma carta ela tem uma intencionalidade, é uma escrita que visa se aproximar de um grupo, de uma condição social, se utiliza de uma linguagem que tenta comunicar a um determinado público. Penso que é isso que eu quero fazer na defesa. O que achas? Será que consigo narrar a pesquisa por meio de uma escrita que aproxime mais pessoas? Será que a Adrienne embarca comigo/conosco nessa viagem? Nem acredito que estou chegando nessa reta final. Você sabe o quanto tem sido fundamental nesse processo. Reafirmo que sem sua parceria seria muito mais difícil. Amiga, me conta como está seu processo de finalização do texto? Já pensou em como vai entregá-lo para a banca? E a defesa? Perdoe-me por tantas perguntas, mas estou ansiosa e aliviada com a finalização, mas com as células do meu corpo em festa pela aproximação do dia da defesa.

Aguardo sua resposta ansiosamente!

Beijocas!

Edilane.

.....
Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2021.

Amiga,

Compartilhamos essa ansiedade pela defesa, pelo encerramento desse processo que foi potente, de muitas formas. A ideia de apresentar seu texto em forma de carta é maravilhosa e dialoga muito com você. Sei que é uma escrita que te toca e faz parte da sua vida. Lembro dos seus olhos brilhando ao contar das inúmeras cartas que trocava com Ronaldo, quando vocês namoravam. É muito bonita essa inclusão de todas as pessoas no entendimento da pesquisa, que possas democratizar o acesso, dialogar com todas e todos que estiverem presentes, enaltecendo sua ancestralidade, reforçando suas raízes, agregando os saberes que te constituíram aos que têm te (trans)formado. Tenho a certeza de que será emocionante! Adrianne vai amar a ideia. Ela estava lendo o livro da Djamila Ribeiro (2021), *Cartas para minha avó*, e estava bem tocada. Acho que pode te emprestar. É uma escrita que inspira, que traz tantas conexões com nossas histórias...

Por aqui, tenho ficado muito mobilizada com a conversa que tivemos no grupo sobre o termo defesa, que às vezes aparece em um sentido de ratificar o que foi escrito, como se o importante fosse a validação acadêmica das ideias, dos percursos e concepções que compuseram a narrativa ali presente. Não sei se é bem isso, mas o sentimento de defender o que acredito me mobiliza, uma vez que conceber educação como comunidade (hooks, 2017), como afetamento, como experiência, que para acontecer necessita de outros tempos e espaços, tal como apontado por Larrosa (2014), não figura como entendimento hegemônico, muito pelo contrário. Diante disso, penso em escrever um pequeno manifesto para abrir a defesa, abordando justamente o que me proponho a apresentar. Depois, tenho refletido sobre a possibilidade de trazer um vídeo, com imagens-palavras e perguntas, um apanhado de narrativas que comuniquem o que é a pesquisa e o que foi pesquisar. Uma das melhores coisas da dissertação foi a possibilidade de me experimentar artisticamente, de criar formas diferentes das habituais para me comunicar, para dizer de mim e dos meus processos, cartografando os sentidos e os sentires de uma pesquisa que se voltou à formação docente por meio da arte e da educação estética, a partir da proposição de vivências que afetem, dialoguem com um ser inteiro, dotado de razão, emoção, sensações, inconclusões, dúvidas, dormências, ressignificando a forma como construímos conhecimento.

Estamos tão condicionadas à compartimentalizações que vamos reproduzindo esses discursos e ações com as crianças e/ou adultos/os. Quantas não foram as vezes que precisei parar, respirar, me questionar acerca dos “nãos” ditos e voltar atrás nas decisões? Quantas posturas não tive que rever, após “palavras automáticas” serem proferidas? Foram muitos anos sendo formatada por uma educação que condiciona, que determina, que dita as regras e controla, disciplinariza os corpos (Foucault, 2014). Como é importante dizer de nossos processos, das nossas mazelas e das belezas que construímos a partir de dentro (Imbernón, 2010). Lembra de como conversamos sobre isso após fazermos o estado da arte da pesquisa? Quantos textos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e do Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE) trazem pesquisas que falam das instituições, mas não com elas? Muitas pesquisas feitas por estudantes da graduação – em suas diversas áreas – que permanecem por algum tempo na escola e depois, dizem sobre o que foi experimentado. Há potência nisso. Muita! Não estou aqui desmerecendo esse modo de pesquisar, mas lembro de ficarmos perplexas com os poucos trabalhos feitos por docentes a partir de suas experiências profissionais nas instituições educacionais. Lembra?! Acho que muito da potência das nossas pesquisas está aí, nesse processo de pesquisa-formação-pesquisa que entremeia prática-teoria-prática em constante retroalimentação. O que acha?

Bem, vou me despedindo por aqui. Nossas defesas já se aproximam e estou com um misto de sensações e emoções. Quero muito poder ler sua carta aos seus pais e já começo a rascunhar algumas linhas do meu manifesto.

Com muitas expectativas,
Michelle.

.....
Rio de Janeiro, 16 de novembro 2021.

À minha mãe, meu pai e todas, todos e todes presentes,

Olá! Como estão?

É com muita alegria que escrevo esta carta hoje, para contar dos caminhos que venho trilhando por aqui na cidade maravilhosa. Hoje, quero falar especificamente de como o que aprendi com vocês reverbera na minha vida, no modo como vivo coletivamente e como permeia essa pesquisa de mestrado que fiz; os estudos, como vocês costumam falar. Então, para viver essa pesquisa precisei reviver algumas de nossas histórias. Confesso que relutei bastante, pois não achava que tinha algo “interessante” para contar. Em que as histórias de uma família nordestina, de uma mulher nordestina poderiam contribuir com a construção do conhecimento? Especialmente para pesquisar uma experiência coletiva em uma creche? Pois bem, foi preciso que eu fosse em busca de mais pessoas para conversar, pessoas com mais experiência. Encontrei algumas que me fizeram compreender que as coisas minúsculas da vida, tem um quê único e podem contribuir na construção de saberes, pois o importante é que cheguem até as pessoas, que as inspirem, as impulsionem a dialogar e pesquisar suas histórias e o que lhes interessam.

Espero que vocês estejam bem aconchegados no sofá da sala, e bem-dispostos para ouvir os caminhos que escolhi traçar. Convido também, a todos, todas e todes presentes, a sentir o Brasil que habita cada pessoa que resolve contar suas histórias, pois compreendo que pesquisar é contar histórias, envolvendo escolhas sobre o que contar, como contar, para quem contar, e o que pretendemos com tudo isso que foi escolhido.

Lembram de como andavam mais de duas horas para irmos à escola? Lembram de como eram hostilizados, porque estavam perdendo tempo, já que o meu destino, que era somente casar e ter filhos, já estava traçado? Já que naquele contexto, não tínhamos muitas perspectivas de “futuro”. Lembram de quantas vezes vocês repetiram que tínhamos que terminar os estudos porque isso era importante? Eu, não tinha a mínima ideia do que significava isso naquela época, mas hoje, conversando com pessoas mais experientes e refletindo sobre as atitudes de vocês, compreendo que vivemos em um país extremamente desigual, e que nós tínhamos que reproduzir a lógica dessa sociedade perversa, pois onde já se viu, uma menina pobre, nordestina, querer estudar, ir para universidade? Ah, vocês não aceitaram isso, sem lutar. Ensinararam que eu poderia carregar água na peneira, como disse Manoel de Barros, e que enquanto oprimidos, precisávamos lutar contra os opressores, como escreveu Paulo Freire. Contudo, nós não aceitamos sem luta, sem esperança. Ah! Esperançar foi preciso, pois ao chegar no Rio de

Janeiro, vocês sabem o quanto foi complexo trabalhar e morar no trabalho (lembram de nossas conversas no orelhão – andando quase duas horas para atender minhas ligações?), com carga horária sem fim. Empregada doméstica. Uma profissão que nesta Pandemia da Covid-19 foi tida como essencial. Como assim? Para quem? Para quê? Vocês lembram do menino que morreu ao cair do elevador, pois teve que ir ao trabalho com a mãe em meio à pandemia? Que país é esse? Ah, como lembrei de tantos momentos aos quais lutar contra o contexto era muito cansativo e parecia que a melhor saída era aceitar. E isso foi preciso em alguns momentos, como por exemplo, não ingressar na faculdade ao terminar o Ensino Médio por não ter o dinheiro da passagem. Isso reflete o quanto é preciso políticas que garantam cada vez mais, não só a entrada nas universidades, nas escolas, mas a garantia da permanência, de uma estada com qualidade.

Ao entrar como funcionária pública no município do Rio de Janeiro, foi uma festa! Lembram disso? Mas, também começaram os grandes desafios, suscitando o retorno aos estudos deixados de lado por 7 anos. Essa pesquisa de mestrado resgata minhas experiências, entrelaçadas com a história da Creche e das pessoas que de ambas fazem e fizeram parte, mas trago com foco principal os Seminários de formação docente. Toda vez que falo docência, estou falando de como realizo meu trabalho. Sabe, pai e mãe, esses Seminários parecem aquelas conversas que aconteciam à noite quando o vô Fausto contava suas histórias, nós também contávamos as nossas e ao final cada um de nós tinha aprendido muito – confesso que até hoje, alguns aprendizados fazem parte da minha vida. Assim, são os seminários, espaço de conversa, partilha e formação. Formação é estarmos em constante aprendizado!

Sabe que para sermos professoras/es, é preciso estudar muito e não desistir diante de tantas dificuldades, pois vocês sempre souberam o quão difícil é essa profissão! Aprendi na marra, ou melhor, com as crianças. Vocês imaginam o que é assumir um grupo com 25 crianças e não ter a mínima ideia do que fazer? E o mais complexo, a maioria das pessoas que começaram a trabalhar nessa Creche também não sabia. Uma creche que só tinha paredes e nada mais. Arregaçamos as mangas e começamos a trabalhar. Contudo, não sabia lidar com os movimentos das crianças, seus corpinhos saltitantes, cheias de ideias, presenças. Me sentia igual quando sai de casa em 23 de agosto de 2001, numa viagem, insegura, mas ao mesmo tempo, sem querer

desistir. Comecei a ouvir quem tinha mais experiência, e fui fazendo do modo que falavam. Mãe, me tornei uma professora que repreendia os movimentos das crianças, pois a boa professora tinha que ter uma turma disciplinada. Chegava em casa cansada, triste e desmotivada. Que concepções de crianças e professoras/es eram essas? Mais uma vez, revistei minhas histórias e algo estava em desacordo, pois fui criança livre, brincava, pulava, tanto em casa quanto na escola. Quantas criações feitas com bonecas de milho e suas saias (Desculpe! Se não sabia, te conto agora mãe, que rasgava suas saias para fazer roupas para as bonecas). Havia inventividade, criação, arte, escuta, alegria. E por que, estava sendo diferente com as crianças? Isso tudo cria contornos diferentes. Ao ser chamada de general por uma colega, como se fosse um elogio a minha habilidade como uma “boa professora”, confesso que doeu..., mas, tocou fortemente! E, a partir disso, fui procurar outras possibilidades em minhas histórias e também em espaços de formação. Conheci outros caminhos para exercer a docência compartilhada com as crianças, relações dialógicas. Conheci leis que garantiam direitos, inclusive os meus, pois estava em uma posição que ia contra o que a lei pregava. Vocês sabem que assim como nós, a Educação Infantil tem lutado muito para conquistar seu espaço e muitas pessoas e pesquisas têm contribuído para isso. Olha, que na Creche tínhamos muitas dificuldades nas relações. Imaginem uma discussão em família, onde cada um acha que tem razão, mas não se sentam para uma conversa. No início era assim, mas com o passar dos anos e com um curso feito por muitas das que estavam lá, e a chegada de um grupo de professoras, pois eu era agente auxiliar de Creche, fomos começando a conversar, trocar ideias e aprendendo a conviver de modo mais tranquilo e harmonioso.

Nesse caminhar mais próximo, fomos construindo docências interadoras, conceito criado pela nossa atual diretora, Rosane, já falei dela para vocês. Fomos construindo e reconstruindo uma Creche mais coletiva. E assim, criamos os Seminários, este espaço de troca. Pensem em um lugar de conversa boa, um lugar seguro, de boniteza, mas também de anúncios e denúncias, como diz Freire. Um lugar onde podemos conhecer a realidade do trabalho de nossas colegas, compartilhar angústias e refletir juntas sobre caminhos possíveis, pois não basta apenas denunciar sem agir. Paulo Freire, esse nordestino arretado, diz que devemos criar nossas utopias diárias. Isso significa, por exemplo, regar as plantas diariamente, pois caso contrário,

elas vão definhando aos poucos até morrerem. Então, utopia é fazer alguma coisa todos os dias sem desistir, acreditando que essa ação que uns podem até considerar impossíveis, vai gerar frutos. Na Creche, fazemos nossas utopias diárias. Na escuta sensível e atenta, no acolher as famílias, nas relações com as colegas... E fazemos também os anúncios, pois temos muitas dificuldades no cumprimento de nossos direitos, como por exemplo, sair de sala para planejar, coisa que a estrutura do sistema não permite, por mais boa vontade e empenho que a direção imprima. Sendo assim, o grupo que é resistência, fez os Seminários, anunciando resistência e utopia. Antonio Nóvoa, que é um professor de Portugal que estuda sobre a formação docente e a profissionalidade dessa/desse docente, diz que a formação tem que ser de dentro da profissão, ou seja, para aprender a plantar feijão temos que colocar a mão na terra. Saber como se planta, qual é a melhor época, qual a profundidade do buraco, qual o melhor terreno, pois não dá para falar de plantio sem nunca ter plantado, mas num país como nosso, às vezes falta até o feijão para ser plantado. Uma outra pessoa com quem aprendi bastante foi o Francisco Imbernón, que é um outro professor que estuda sobre a formação de professoras/es. Ele diz que para falar melhor das coisas, tem que ser alguém que vive o processo de plantar o feijão, tem que ser a partir de dentro, de quem lida com isso todos os dias e conhece os processos. Não posso esquecer do Paulo Freire, que foi, e é inspiração para compor a pesquisa. Sabe, ele lutou muito por uma educação de qualidade. Ele ensina a lutarmos por nossos direitos, coloca a escola como fundamental nesse processo, mas que cada um/uma de nós já tem conhecimento, pois somos seres que têm a história como possibilidade de mudança. Ou seja, é difícil, mas temos que tentar mudar a nossa realidade. Vocês sempre falavam isso, quando estávamos plantando, colhendo em meio ao sol de 40 graus. E vocês falavam que tínhamos a oportunidade de mudar a nossa história. Temos feito isso na Creche, mudando realidades. Paulo Freire, ensina a lutar com esperança e boniteza. O que é não é fácil, mas podemos tornar possível. Quem sabe criando inéditos viáveis?

Olha pai e mãe, nessas conversas surgiram tantos assuntos, como cada pessoa vive os processos, ou viveu; como percebem a mudança na Creche, no trabalho, nas relações, mas também o quanto ficam tristes por não terem tempo de se sentarem juntas, porque a Prefeitura ainda não consegue manter os combinados da lei. Vocês sabem bem como é... existem as leis,

mas os cumprimentos delas são outra história. A senhora sabe bem mãe, pois passou mais de 10 anos lutando por sua aposentadoria que já era um direito, e só esse ano saiu. Espero que a gente também consiga, né!?

Olhe, esses Seminários são tão lindos, que o pessoal disse que são respiros na Creche. Ao longo desse processo aprendi tanto... que a pesquisa pode ser minúscula, ou seja, pode olhar para coisas do cotidiano, para o comum e isso tem sua potência. Uma pesquisa como a minha/nossa, que fala das nossas histórias, é uma pesquisa que se chama Autobiográfica, e o movimento de contá-las é fazer pesquisa Narrativa, que discorre sobre as experiências. Ah, tem um espanhol de nome Jorge Larrosa que me ensina muito, que diz que experiência é aquilo que nos marca, que fica enraizado em nós e que traz um sentimento único, e o conhecimento que ela evoca é daqueles que marcam o nosso corpo, como aquelas histórias que não esquecemos, sabe? Tem também a pesquisa-formação, que é aquela que junta investigação e conhecimento, fazendo com que o que a gente estuda traga conhecimento para o nosso trabalho com a docência e nossa docência traga conhecimento para o que a gente estuda, num processo que está sendo sempre alimentado um pelo outro e que vai fazendo a gente mudar de ideia, ampliar o que já sabemos – ou o que pensamos que sabemos – e descobrir coisas novas, ter dúvidas diferentes, procurar saber, assuntar. Imagine se nunca mudássemos de ideia....

Quero dizer que essa é mais uma história que conto, mas tenho várias pessoas que me ajudaram e ajudam a contar. Sou tão feliz na Creche e também num grupo de pesquisa de gente que estuda o fazer docente e suas invenções cotidianas. Queria contar mais, mas por enquanto finalizo por aqui e convido vocês a também contarem suas histórias!

Mãe e Pai, que vocês continuem plantando poesias em minha vida.

Amo vocês!

Edilane.

.....
Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2021.

As/aos parceiras e parceiros de luta,

Oficialmente, hoje é dia de defender a dissertação intitulada “MIUDEZAS (DES)FORMATIVAS DO/NO COTIDIANO: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E ARTÍSTICAS EM UM COLETIVO DE EDUCADORAS/ES”. Ao longo da última semana me questionei se era realmente isso que faria aqui, hoje, defender este escrito. Pensei em outros termos, como ratificar, alumiar, afirmar... Creio que também seja isso, mas cheguei à conclusão que sim, se trata de defender, com unhas e dentes uma Educação que não deve e não pode mais existir apartando sensível e inteligível, que dicotomiza, compartimentaliza, esquarteja o conhecimento e atribui uma hierarquia que reforça as exclusões, os preconceitos, as desigualdades. Se trata de defender, com afinco, epistemologias outras, saberes outros, que não os que são canonizados pela Academia. Se trata de defender e sublinhar a fundamentalidade de se olhar para o minúsculo, para o corriqueiro, para o simples, com a mesma curiosidade e interesse, com o mesmo comprometimento que se olha para as “grandes questões da humanidade”, para os “grandes problemas da Educação”, porque, invisibilizar os cotidianos, as crianças, as professoras e professores é, não só, um grande problema na Educação como uma grande questão da humanidade. Pois, é disso que se trata, de HUMANIDADE. Não apenas da nossa capacidade, mas da nossa disponibilidade em se importar, em se afetar, em se sensibilizar e emocionar: com as crianças, com nossas e nossos pares e ímpares, com o mundo, com a vida que pulsa e que brota de onde não mais se espera. Se trata também de ESPERANÇA. Uma esperança-verbo, ação de esperar, como nosso querido mestre, Paulo Freire, tão bem semeou. Porque se hoje o desgoverno o ataca com tamanha agressividade é porque sua sementeira foi e é potente, tem a força para libertar oprimidos e opressores, democratizar, fortalecer a autonomia, tornar sonhos possíveis, inéditos viáveis, se solidarizar, partindo da infância e nos retirando da inércia e da apatia à sombra de uma mangueira. Paulo Freire é resistência, é desacomodação, é deslocamento, relação, ética, política e estética. Paulo Freire é arte! Assim como o é também, Manoel de Barros, poeta que desentorta não só palavras, como sentidos. A ambos dou as mãos para tecermos uma narrativa que busca contar das bonitezas que emanam do dia a dia de um CIEP, localizado em Acari, que tem um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano da América Latina. Repito: UM DOS MENORES ÍNDICES DE

DESENVOLVIMENTO DA AMÉRICA LATINA!!! Trago isso quase como um mantra, o RG da instituição. Não para comover, nem apiedar, mas para não esquecer o motivo pelo qual, há quase 20 anos, essa instituição se tornou minha morada educacional e essa comunidade, se tornou um pedaço de mim. Aceitei participar da Gestão (desculpa, Celso!⁵ Mas ainda não encontrei nome melhor) por acreditar que poderia transver esse micromundo, transformar a forma como nos relacionamos no cotidiano, ampliar os olhares e as escutas, trazer respiros a um sistema que é feito para oprimir, para burocratizar, para dessensibilizar as pessoas, as relações, os espaços, a vida... Humanizar a Educação! Pode parecer arrogância, mas é sonho e esperança em utopias possíveis, como diz Boaventura, outro senhor que muito me ajudou e ajuda a descolonizar os saberes, a rumar para o Sul. Retomo tudo isso e conto novamente essa história porque para mim, o sentido vem ao Repetir, repetir até ficar diferente, como diz Barros... Essa é a esperança! Esse é o propósito! Esse é o compromisso que assumi desde 2002 e que venho afirmar aqui hoje. Que convoco a todas e todos que aqui estão ou àquelas e àqueles que em algum momento lerão meus escritos, a defender.

Sigamos juntas/juntos,

Michelle.

3. ENTRE SE ACHAR E SE PERDER: ERRÂNCIAS METODOLÓGICAS

Rio de Janeiro, 15 de março de 2024.

Queridas leitoras e queridos leitores,

Olá, novamente! Assim como em nossas defesas, cujas cartas-manifestos puderam ser lidas por vocês, intencionamos contar de forma mais adensada sobre os percursos – e percalços – que fomos fazendo ao longo do caminho. No vai e vem das cartas trocadas isto vai aparecendo,

⁵ Celso Sanchez, Professor e Ativista da UNIRIO, Coordenador do Grupo de Pesquisa GeaSur, membro da banca de mestrado de uma das autoras.

aos poucos, em algumas linhas e/ou entremeado em outros assuntos. Mas, por considerarmos que explicar os motivos de nossas escolhas diz muito sobre os propósitos de compartilharmos esses registros de processos enquanto professoras-pesquisadoras, pesquisadoras-professoras, abrimos um espaço-tempo entre as cartas que trocamos para contar um pouco sobre as metodologias com as quais dialogamos, primeiro em nossas dissertações e, posteriormente, na escrita desse artigo.

Apostamos em metodologias errantes, que dizem respeito a “[...] um processo de investigação profundamente marcado pelo encontro, pela escuta, pela espera e pela utilização de outras linguagens, além da palavra [...]” (Ostetto, 2019, p. 48) e minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019), que acolhem os desvios, as imprevisibilidades, as incertezas e os acontecimentos de uma pesquisa-vida (Godoy Lenz; Ramallo; Ribeiro, 2023), (re)vitalizando epistemologias outras, circulando energias outras e fortalecendo outros diálogos que potencializam, abrem e alargam espaços-tempos para a criação, que não tendo lugar entre os cânones já consolidados e dominantes, caminha por percursos contra-hegemônicos, borrando contornos. Uma pesquisa-experiência (Fernandes, 2011) encarnada, orgânica, tanto no fazer das cartas como em seu reavivamento no tempo presente; que se imbrica a uma pesquisa-formação (Longarezi; Silva, 2013), tendo a conversa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018), as narrativas (Conelly; Clandinin, 2015; Josso, 2004) e as narrativas (auto)biográficas (Passey; Souza, 2011; Bolivar, 2014) como elos entre o dizer/fazer de si e das/dos outras/outros.

Foram estas bases episteme-político-metodológicas que nossas pesquisas de mestrado abarcaram. Em consonância com toda esta vitalidade de fazer e viver a pesquisa, fomos criando caminhos para a tessitura desse artigo. Afinal, como contar de nós, de nossas pesquisas, de nossos sentimentos de professoras-pesquisadoras (Esteban; Zaccur, 2008; Freire, 2020d), que investigam, narram, criam, escrituram e deixam suas marcas em um processo de formação, que tem como atravessamento a não presencialidade? Que caminhos escolher para partilhar as descobertas, as dúvidas, os acontecimentos, os achados que os processos de pesquisar/investigar/narrar proporcionam, que fossem coerentes com nossas escolhas? De que forma a linguagem falada, repleta de emocionalidades, poderia ser esparramada num texto escrito?

Caroline de Siqueira (2013) nos deu pistas de possíveis rotas que comporiam nossos percursos, alumando a criação da carta como um instrumento que comunica e traz a presencialidade de um corpo que está ausente, mas, que se faz presente à medida que seus escritos chegam aos seus endereçados. E, acrescenta que esse gênero epistolar, figura como papel importante na construção da identidade do povo brasileiro, já que o primeiro escrito feito sobre nós, foi realizado por meio de uma carta. Contudo, “o texto epistolar registra as transformações discursivas que constituem as ciências humanas, contextualiza os discursos segundo as estruturas de mentalidades (a episteme) muito mais do que pelos acontecimentos históricos propriamente ditos.” (Bettiol, 2008, p. 20).

Sendo assim, compreendendo que as cartas anunciam e denunciam (Freire, 2020a), comunicam, registram, visibilizam as transformações que permeiam as ciências humanas de modo contextualizado, se projeta como caminho fecundo para mergulharmos em nossas conversas por meio de aplicativo de mensagens (o *WhatsApp*), ressignificando-as em cartas que dizem de nós, de nossos processos, por nós.

Desejosas em inspirarmos,

As autoras.

4. A PESQUISA E SEUS RITUAIS: HUMANIZANDO PROCESSOS

Paraíba, 22 de janeiro de 2022.

Amiga,

Como é maravilhoso receber seus escritos nesse momento, pois estou aqui com minha família conversando sobre o processo do mestrado, saboreando a presença de minha mãe e meu pai. Uma noite dessas ficamos conversando na calçada de casa, algo bem comum aqui ainda. Estávamos conversando sobre o dia da defesa do mestrado e eles estavam contando o quanto foram tomados de emoção em se verem sendo parte do processo, pois passou um filme em suas

cabeças, lágrimas derramam nos seus rostos bronzeados pelo lindo sol do meu amado Nordeste. Rememoraram tantas outras histórias. Ao contar do processo para minha família, afirmei o quanto você, minha comadre e meu companheiro foram/são fundamentais para me manter saudável emocionalmente. O quanto ter a Adrianne como orientadora, com seu olhar sensível, seu acolhimento, foram essenciais, pois fazer uma pesquisa de mestrado em meio a uma pandemia foi muito desafiador, o medo paralisava em muitos momentos, o corpo embebido das notícias de mortes, de contaminação, um cenário de descaso com as vidas de nosso povo brasileiro. MEDO! Medo de perder as pessoas amadas, medo de não saber o que fazer no dia seguinte. Lembro do descontrole emocional de não conseguir escrever de modo mais fluido, escrevia textos duros, que refletiam o que estava sentindo. Resolvi assumir isso no texto! Nesse contexto, estava aprendendo a ser mãe de um bebê de 7 meses. Dia após dia confinados. Como meu filho, como as crianças das quais sou professora irão conviver, interagir? Quando? Essa é a fase em que a criança aprende, constrói seus conhecimentos, suas singularidades na relação com o outro – adultos/os e crianças. Estava dentro do looping, como você costuma falar. O mundo estava nesse looping. Contudo, rememorando hoje, percebi que as redes estabelecidas na família, na Creche e no grupo de pesquisa foram essenciais para fortalecer vínculos e compreender que não estava sozinha. A escrita nas madrugadas e as inúmeras trocas de mensagens, faziam com que não me sentisse sozinha, eram fonte de acolhida e me incentivavam a persistir num processo de ir, vir, estacionar e retomar. É essa Educação que busco cotidianamente! A disponibilidade do grupo da Creche para caminhar com a pesquisa de modo remoto, foi especial demais. Nos fortalecemos, contamos nossas histórias, que podem ser parecidas com tantas outras histórias de professoras nesse Brasil afora.

Amiga, deixar decantar um pouco do processo da defesa, das conversas tecidas, foi necessário para eu perceber o quanto aprendi no caminhar, a buscar outras epistemologias, a seguir caminhos que não estavam prontos a priori, que a pesquisa é viva, pulsante e a pandemia fez isso conosco e tantas outras/os pesquisadoras/es. Que possamos promover, convocar, evocar e encorajar mais professoras e professores a narrarem suas pesquisas vivas, com seus pares da escola, da vida, dos encontros. Sei que o processo de reconhecer que nossas histórias importam foi/é algo que compreendi no mestrado, ao me relacionar com outras espistemes. Mas, creio

que nossas pesquisas – assim como tantas outras – vão abrindo veredas e mostrando que há muito compromisso, embasamento e conhecimento sendo produzido na beleza, no afeto, na relação.

Parabéns para nós!

Edilane.

.....
Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2022.

Querida amiga,

A feitura dessas cartas tem me permitido revisitar o processo do mestrado, finalizado em novembro de 2021 e, de certa forma, revivê-lo, ou melhor, refazer os caminhos percorridos naqueles dois anos longos e intensos, atravessados pela pandemia da Covid-19. É curioso olhar para os materiais, para as composições artísticas que foram se materializando aos poucos, em meio a lampejos de ideias e/ou penosos movimentos de elaboração e reelaboração. Dúvidas, questionamentos, choros, incertezas... lembrar nossas conversas nas madrugadas... o resgate das mensagens de *WhatsApp* desse período trouxe muitas pistas sobre esse processo investigativo que fomos criando. Me veio a imagem do processo de feitura de uma peça de roupa. O desenho, à risca, a escolha dos tecidos, da cor, da linha que mais se assemelha, as medidas, a costura, os acabamentos, a experimentação para ver se cabe, se o caimento está bom, o encontro com o espelho, com o olhar outro e a estreia no mundo. Lendo aqui me soa tão poético. Rememorando, percebo também poesias, apesar de toda a dor. Fui percebendo o quanto nossas pesquisas foram tecidas no entre – sentidos, desejos, memórias, poesia, música, vazios, o/a outro/a, nós –, costuradas, cosidas, remendadas, ressignificadas à medida que fomos sentvivendo e que nossos sentidos foram desvelando as diferentes camadas que compõem este caleidoscópio de experiências.

Nesse fluxo, convidamos a todas, todos e todes a conversarem com seus pares e ímpares, percebendo as miudezas do cotidiano, as gramáticas e poéticas dos agires e sentires que estão

vivas em nós, que compõem quem somos, a partir de nossas memórias, incompletudes e abismos, e em como tudo o que nos trouxe até aqui está amalgamado nessas linhas, de algum modo.

Obrigada pela companhia,
Michelle.

5. PISTAS QUE COLHEMOS AO LONGO DO CAMINHO

Rio de Janeiro, 20 de março de 2024.

Leitoras e leitores,

Primeiramente, agradecemos a companhia ao longo desse percurso, que pretendeu, por meio de conversas trocadas no *WhatsApp* e posteriormente revistas, remodeladas e transformadas em cartas, compartilhar e refletir no/com/sobre o processo de tecer pesquisas e escritas que proponham formas outras de construir e relacionar educação e vida.

Experienciar esse trajeto em meio a uma pandemia de proporções tão letais só ratifica a urgência de mudarmos a forma como nos relacionamos conosco, com as outras pessoas e com o mundo, abandonando certezas hegemônicas e nos abrindo ao inesperado, ao desconhecido, ao que nos atravessa fora dos padrões e traz estranhamentos que ao mesmo tempo que desestabilizam, causam movências.

Nossa intenção é deslocar, desacomodar, suspender e inspirar que outras conexões sejam alinhavadas e mundos, educações, relações e sentidos que desviem, entortem, subvertam as lógicas coloniais, patriarcais, capitalistas e globalizantes sejam possíveis e desejáveis. Objetivamos, por meio das conversas que fomos tecendo, compartilhar formas de criar, viver e contar de pesquisas que se constituíram na insubmissão e insurgência de serem gestadas e potencializarem o chão da escola pública, com todas as suas dores e delícias. De mobilizarem vivências sensíveis à profissionais da docência que têm seus sentidos e emoções anestesiadas e

invisibilizadas por demandas e burocracias que oprimem invenções e automatizam fazeres, isolando cada uma/um nos micromundos das salas de referência, espalhando um sentimento de solidão pedagógica e sucateamento educacional. De existirem em tempos pandêmicos, relacionando formação docente, arte e educação estética tendo as narrativas – de si e das/dos outras/outros –, a presença, a escuta atenta e o olhar sensível como fios condutores que contrariam o rigor científico positivista e inauguram e fortalecem pesquisas que ao resistirem e reexistirem; semeiam, florescem e (re)encantam formas outras de habitar o mundo e sermos em coletivo.

Abraços afetuosos,
Edilane, Michelle e Adrienne.

REFERÊNCIAS

79

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. **A escritura do intervalo**: a poética epistolar de Antônio Vieira. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

BOLÍVAR, Antônio. **A expressividade epistêmico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica**. Conference: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (VI CIPA). Janeiro, 2014.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Orgs). **Professora pesquisadora** – uma práxis em construção. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERNANDES, Susana Beatriz. Como uma empirista cega: pesquisa-experiência. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 120-135, jul./dez. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 27. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 46. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 74. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020d.

GODOY LENZ, Rossana; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. Investigaciones-Vidas em educación: conversar escuchar y constelar. **Revista Teias**, [S. l.], v. 24, p. 303–313, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.69448. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/69448>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HILLMAN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MACEDO, Roberto. **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes**. Congresso Virtual. Cana da TV UFBA no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UD0KrPkHBiY>. Acesso em: 16 abr. 2021.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

PASSEGGI, Maria Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011.

REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida. Escrita Epistolar – cartografias de uma epistemologia feminista. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, ed. especial, maio 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1444>. Acesso em: 05 mar. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas a minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SIQUEIRA, Caroline. **Gênero epistolar e marcas linguísticas de polidez em cartas institucionais**: um estudo de caso sincrônico e diacrônico. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2013.

SCHAEFER, Katia Bizzo; GUEDES, Adrienne Ogêda; TIRIBA, Lea. Infâncias Cariocas: uma experiência de formação em conexão com o corpo, a natureza e o empoderamento político. **Revistaleph**, n. 29, p. 132-146, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39227/22664>

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir**. Álbum Minha voz: Universal Music International, interpretado por Gal Costa, 1982.

Submetido: 04/06/2024

Aprovado: 05/08/2024